

Barredo

Vai em cinco anos que lá não ia. A última foi uma visita silenciosa, nostálgica, de despedida. Desci do Terreiro da Sé pelas Escadas do Barredo até ao Muro do dito. Deambulei por ruelas, pelos pequeninos largos sem geometria, curtindo saudades, revivendo horas ali passadas com Pai Américo e depois, tantas vezes ainda, sem ele.

A recuperação da zona fora começada. Grande parte dos seus habitantes transferidos para as Torres do Alleixo. Mas então não vi nada do que estava feito nem falei com ninguém. Era eu e as minhas recordações.

Hoje voltei. Nem tinha tencionado! Ia namorar o n.º 112 da Rua Mouzinho da Silveira, no princípio do século loja de ferragens onde um adolescente chamado Américo iniciou a sua vida de trabalho antes de demandar as terras da Zambézia. O Miguelito, meu companheiro, pediu que fôssemos à Ribeira. Era um pulo. Fomos. Fomos pelo velho Mercado da Fruta, hoje ressuscitado para actividades de outra espécie de Cultura. Ali nasceu o pensamento do Infantário que havia de ser no Bairro do Património dos Pobres em Miragaia; ali se gerou a vinda das Criaditas dos Pobres para o Porto. Aquele lugar que Pai Américo amou por amor de quem ali trabalhava em condições dolorosas — quem sabe se não será o espaço adequado para uma celebração do seu centenário, para aquele acto que o Porto há-de querer assumir, nomeadamente as gentes ribeirinhas que, com sentimento de justiça e tão devotadamente, conservam a memória dele no seu coração?...

Do Mercado Ferreira Borges descemos à Casa do Infante; e logo ao lado é a sede do **Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo**. Subimos a combinar uma visita ao Barredo, àquele **«outro Barredo com casas e armazéns de negócio ribeirinho; fontes; pracetas; mirantes; jardins; gente limpa e bem dispósta»** que Pai Américo sonhou e que anteviu — por amor do qual publicou o primeiro volume d'O Barredo **«no intuito de**

tocar, impressionar e ferir» para que **«vissem, conhecessem, amassem»**. E **«quem sabe — acrescentava ele — se procedendo assim poderemos dar melhores vistas e oferecer outras notícias num segundo volume — quem sabe?»** Sim, que **«o Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas; seus cachorros de granito e varandas de ferro batido; seus largos; seus nichos e «alminhas» — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida!»**

Assim era ao tempo o Barredo que Pai Américo denunciou com a sua voz profética: **«Tinha de ser escondido!»** Mas ele queria que **«pudesse ser mostrado»** e para tal havia de passar-se por um tempo de conversão.

Eu não me acho ainda suficientemente documentado para dizer que é já a oportunidade do segundo volume d'O Barredo. Mas, pelo pouco que me foi dito e vi, julgo que, embora não tão velozmente quanto era desejável, se caminha, na verdade, em passos certos e decididos para esse momento.

Como Pai Américo ficaria feliz se visse o que hoje eu vi! É uma forma de dizer —

claro! — porque nada da Terra pode acrescentar a felicidade que se tem no Céu. Nós é que nos sentimos felizes por ver a justiça reposta ou em vias de completa reposição. Por constatar-mos que a palavra apaixonada de Pai Américo não foi em vão. Que a sua visão de profeta começa a ser realidade: nas suas implicações humanas, acima de tudo; e até nas circunstâncias estéticas a que ele era tão sensível!

Felizes nós por encontrarmos uma vez mais o homem de Fé e de Esperança que aponta a ferida para que seja curada e mereça a cura pelo dinamismo da comunhão com que padece a ferida. **«Sim. Digo bem. Ao ver nas páginas do próximo futuro livro, devidamente ilustradas, as condições dolorosas e desumanas dos actuais ocupantes daqueles sítios, nada repugna acreditar que os homens de bem se determinem a dar preferência a esta obra, dizendo baixinho para dentro de si mesmos, que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de gostar que outros lhes acudissem. Esta é mesmo a regra.»**

Sim, **«nada repugna acreditar...»**. Pai Américo acreditou.



Naquele tempo, eram (...) assim os antros miseráveis do Barredo. Pai Américo ali sofreu e amenizou, frequentemente, (testemunhámos ao vivo) toda a miséria e lágrimas de sangue dos Pobres, calamidade que denunciou em mensagens de Esperança. Por isso, as gentes ribeirinhas — com sentimento de justiça e tão devotadamente — conservam a memória dele no seu coração.

MENSAGEM

Não podemos calar o que vimos e ouvimos. São tantas as coisas boas que tocamos com as nossas mãos, ao longo do dia! Queremos dar testemunho delas. Queremos que o mundo as conheça para que as pessoas não morram de tristeza; não sofram tanto. É verdade que, em parte, somos vítimas de nós mesmos. Deixamo-nos intoxicar. É verdade! A televisão, por vezes, mata em nós a alegria de viver com cenas que fazem arripiar. Os jornais, em seus noticiários, contam, com relevo, o lado negativo da vida. Ao contemplarmo-nos, no dia-a-dia, muitas vezes também, guardamos o que nos deprime e ficamos marcados. Assim

Deus quer! — disse quem pode duvidar?! E a obra nasce.

A nós cabe-nos carrear a matéria do segundo volume d'O Barredo que lhe devemos.

Padre Carlos

envelhecemos. Perdemos a Esperança e desanimamos os que nos rodeiam. O nosso rosto já não é o espelho da Alegria e da Paz. Somos tristes porque sofremos.

Deste modo, falhamos na nossa vocação. Ser centros de Luz; centros de Alegria; centros de Paz. Ser apoio para os mais frágeis; ser rocha segura para os que não se aguentam de pé sozinhos; ser refúgio para os perseguidos de toda a espécie.

Porquê, estas linhas? Porque dizer — não podemos calar o que vimos e ouvimos?

Estávamos na véspera de Natal. Já era tarde, mesmo tarde, e a chuva caía impiedosamente. A hora da ceia, naquela Noite Santa, era a seguir. Num instante, abriu-se a porta do escritório e entram dois senhores, molhados pela chuva, de ar preocupado. Pedem para telefonar à família, dos arredores de Aveiro, pois àquela hora já deviam estar em casa. Os perigos nas estradas, com trânsito por vezes descontrolado nestas ocasiões, roubam a tranquilidade aos que ficam. Vieram, de propósito, à nossa Casa do Gaiato e perderam-se

Cont. na 4.ª pág.

AGORA

Quisera trazer hoje à nossa **precissão** todos os Autoconstrutores que durante o ano de 1985 conseguiram com o seu esforço e coragem construir as suas casinhas. A nossa ajuda foi pequena. Mais que todas as ajudas materiais vale a tua presença fraterna e amorosa. A tua partilha será sempre um sinal de esperança para muitos corações atribulados.

Seguem eles, pois, no primeiro grupo, com opas verdes e tochas luminosas.

Logo atrás, todos os Amigos que, durante o ano, estiveram presentes com a sua ajuda

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela tarde de sábado foi cheia, graças a Deus! Completa com as notícias doutros Pobres, aos quais damos a mão, regularmente; e na sequência da reflexão em grupo — quando nos juntamos em nome do Senhor — que serve de Adubo à nossa acção.

As vezes, o jovem presidente da Conferência — como moderador — tem de procurar um certo equilíbrio, tantos e tão variados são os problemas, as necessidades, mai-la ansia de se lhes dar solução.

Ai de nós se não fôssemos assim, se não nos inquietássemos, se não trouxéssemos para o grupo a alma cheia dos gemidos, desabafos, injustiças — que se vêem no reino dos Pobres!

Eis uma pequenina parte do todo:

Um parálitico precisava de compor o carrito — oportuna oferta dos nossos Leitores. O vicentino não se acomoda. Mete-se a caminho. Tem já o veículo em reparação. São os membros do doente, que as pernas não andam. Fê-lo sair da solidão, pois agora vai aos campos, olha as árvores e o céu. Nos caminhos fala com os vizinhos e amigos. Vive integrado no meio. É um ressuscitado!

Um doente crónico — que sofre de enfisema — recebeu ajuda regular, há cerca de duas décadas, e promoveu-se socialmente. Agora, porém, volta a ter necessidade — porque as pensões de reforma continuam insuficientes. Pois o recoveiro dos Pobres mora perto e acode imediatamente, de irmão para irmão. «Está muito pior, agora, só por mor dos netos...» — esclarece. Vamos encher a ceira. Fornecer mais pão. Dar mais companhia. E, assim, sentindo-se amado, o doente será mais feliz no resto da vida, mau grado as suas permanentes aflições.

A farmácia não pára! Hoje, os medicamentos são um grande encargo para as famílias. Desabafo dum Pobre: — «Este remédio custa mais de seis contos. Uma fortuna! Seis notas! Mas, na botica, com receita da Caixa, demos por ele um conto e trezentos. Não se pode estar doente...!»

A verdade é que, d'olhos fechados para os preços da tabela, comparticipamos na compra de remédios para todos os Pobres, até porque as condições de vida de muitas famílias estão sempre dependentes da própria saúde dos pais.

PARTILHA — Assinante 27527, de Viseu, com um cheque repartido por vários sectores — e «demonstremos por actos o nosso amor ao Próximo». É do Evangelho!

Assinante 20174, de Coimbra, cheque para se distribuir «como melhor entenderem». Não falta por quem, infelizmente!

«Uma família da Rua das Mercês (Porto)» — exactamente na «Noite de Consoada!» — saca do seu pecúlio 500\$00 «para ajudar as necessidades dos nossos Irmãos mais carecidos, por intermédio da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Natal cristão!

Júlio Mendes

«Maria de Portugal» não falha! «É o primeiro passo da fraterna partilha que desejo continuar, se Deus quiser, até Dezembro». O mesmo acontece à «Assinante de Paço de Arcos» que envia a «partilha fraterna», mensalmente, sempre com uma nota espiritual: «O Reino do nosso Deus possa crescer entre nós e mediante a nossa também necessária colaboração».

Vem lá a assinante 616 com um cheque: «Lembrança de Natal para os Pobres». Mais a presença habitual da assinante 18998, de Umbilo — Durban (África do Sul). Oferta da assinante 27044, de Alvide, e liberdade d'acção: «Verão quais as maiores necessidades do momento». Mais 1.500\$00 dum antigo gaiato — natural de Paço de Sousa — emigrante na Alemanha. O costume de Vilares (Vila Franca das Naves) e do assinante 31235 de Mem Martins. Vale de correio por intermédio da assinante 23424. Oferta de Maria M. Cruz, do Porto. Mais a remessa tradicional duma alentejana de Estremoz: uns magníficos chales (confeccionados à mão) «com grande alegria, pois tenho dó de quem tem frio». Que Fogo este gesto traz à alma! É assim o Mandamento Novo!

Duma anónima do Porto — «que muito quer à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, mas pouco pode» — 1.000\$00 «em sufrágio de duas almas que Deus tão cedo levou». Os desígnios de Deus!

O assinante 15753 presente com «a minha migalhinha, desde o mês de Março. São dez meses: mil escudos». O assinante 8929, que regularmente lembra os Pobres, vai com a consoada na mão. Assim como o 9790, de Oliveira do Douro: «Uma oração ao Céu para que, olhando o Presépio, nos revistamos daquela humildade e amor que nos fazem aceitar o Semelhante como verdadeiro Irmão no Senhor». Mensagem do Evangelho!

Um cheque da assinante 8047 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Dum(a) anónimo(a), de Lisboa, 2.000\$00 «para alguém que tenha frio». Que bem! Velha Amiga, do Luso (há dias, ao longo, e de passagem, lembrámo-nos como recebia Pai Américo!), traz um cheque com várias intenções que não esquecemos, tampouco a sua dedicação à Sociedade de S. Vicente de Paulo — e aos Pobres.

«Duma Maria Amélia estes 500\$00 para a Conferência de Paço de Sousa». Há muitas Marias Amélias de norte a sul do País; mas a grandeza do gesto reside, precisamente, no anonimato.

Mais 2.000\$00 da assinante 27022, do Porto. Idem, de Vila Moreira (Alcanena). Idem, de um antigo discípulo da Escola Comercial de Mouzinho da Silveira (que foi no Porto), onde cimentámos amizade cristã.

Assinante 9811, da Maia, 600\$00 e «muita pena dos que sofrem: Viúvas, filhos, doentes, enfim — todo um mar de lágrimas». Por fim, um sobrescrito com 500\$00 e esta legenda: «Para a Conferência de Paço de Sousa». Mais nada! Seguiu a rota evangélica: só Deus sabe.

Retribuímos, uma vez mais, os votos de santo Ano Novo; e agradecemos tudo em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

NATAL! BOAS FESTAS! — Tudo passou. Passaram-se as datas, os dias, as semanas. Mas o espírito em que foram vividos ainda permanece.

O dia 25 de Dezembro decorreu bem, com a chuva a molhar, mas conseguimos tirar partido de todos os preparos que se fizeram.

Festejámos tudo naturalmente, a união da família sentiu-se e o Menino Jesus — que mais uma vez veio estar connosco — presente em todos os momentos.

Foi um ambiente forte. Chegaram os Amigos com isto e aquilo.

Passaram alguns irmãos que aqui viveram. Houve Boas Festas e houve Convívio.

ANO NOVO — O fim de 1985 teve também a união familiar. Louvamos o Senhor e alegrámo-nos com a expectativa da passagem para o Novo Ano e a esperança de um ano melhor.

No dia 1 de Janeiro, debaixo de chuva, ainda vieram alguns com as suas mulheres e filhos. Mas não se realizou o tradicional desafio de futebol entre os antigos e os novos gaiatos.

Desejamos que o Ano Novo seja mesmo novo em tudo. O que nos interessa é termos os olhos em frente.

Neste começo de 1986 desejou-se isto mais aquilo uns aos outros e ao mundo.

Pelo mundo fora os canais de comunicação social deram notícias novas e velhas, mas dentro dessas notícias transmitiram um apelo à Esperança.

— A mensagem de Paz do Papa João Paulo II: «A Paz é um valor sem fronteiras».

— O grito de liberdade...

— O grito de habitação, de alimento, de trabalho, de salário, de Amor.

— Também o grito de dor e de morte...

Passou o Ano Internacional da Juventude. Pouco se fez e muito ficou por fazer. Mas, decerto, a juventude reflectiu...

Entrámos no Ano Internacional da Paz. Será?

Que cada dia e cada hora sintamos mesmo a Paz verdadeira. E possamos transmiti-la e criá-la à nossa volta.

Ano Novo de Amor e Paz para todos!

Guido

Paço de Sousa

ANO NOVO — A nossa vida é feita minuto a minuto, hora a hora, passo a passo.

O ano de 1985 foi-se num ápice! Perguntar o que foi 1985 é transportarmo-nos a uma realidade vivida, aos passos dados com maior ou menor consciência, à reflexão da nossa existência, o seu sentido, a nossa caminhada...

O ano 2000 está cada vez mais perto; caminhamos paulatinamente para esse marco temporal. Como espécie, percorremos um longo caminho.

Essa criatura que se pôs de pé há um milhão de anos, já domina a

Terra e está prestes a dominar outros planetas. As possibilidades da Ciência parecem ilimitadas, excitam a mente dos intelectuais e também a dos protagonistas da aventura científica. O tempo não pára! E nós?...

Temos uma vida terrena que vai fugindo, gradualmente, como o ar que escapa de um balão mal atado. Por fim, sentimo-nos completamente vazios...?

Nesta quadra algumas pessoas parecem desejar evadir-se, enterrar a cabeça na areia, à semelhança da avestruz. Porquê?...

Quanto à Festa d'Ano Novo, em nossa Casa, não faltou alegria e boa disposição, na ceia da quadra. No dia 1, a Mensagem da Festa foi sublinhada pelo Padre Telmo na celebração eucarística.

FUTEBOL — Não temos agora programada qualquer partida de futebol, hiato prejudicial à manutenção da boa forma evidenciada por alguns dos nossos jogadores. O último confronto veio demonstrar claramente o bom momento que a equipa atravessa. Vencemos, sem apelo nem agravo, por 11-0, uma equipa d'amigos, resultado que ilustra o que se passou nas quatro linhas, sem contar com as inúmeras oportunidades criadas e desperdiçadas, por vezes infantilmente.

A equipa adversária terá, na minha perspectiva, tido razão ao pretender a marcação de uma grande penalidade, já que um dos jogadores furtou-se, muito bem, ao nosso defesa esquerdo, e a tentar rematar terá sido placado irregularmente, mas no juízo do árbitro não aconteceu. O golo de honra traduziria mais correctamente o resultado final. Contudo...

É necessário muito trabalho para, de facto, se formar uma equipa homogénea, com um grande espírito de sacrifício. Por isso, todos os sábados treinamos afincadamente. O treino físico repercute-se sobremaneira no espírito; duas variáveis concorrentes, complementares.

O futebol (e não só) é como que a sublimação do stress emocional que se vive, quotidianamente, numa sociedade mais competitiva e consumista.

O fim de semana é dedicado ao desporto: Os miúdos — do nosso amigo Prof. Acácio — ao que parece integram-se muito bem no esquema previamente idealizado; os mais velhos não descaram o preparo físico e entregam-se ao desporto amado por milhões — o futebol.

Visitem-nos! Tragam, até nós, os vossos dotes futebolísticos.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — Como corolário do trabalho de formação profissional desenvolvido nas nossas oficinas gráficas, coube agora ao Ricardo a bafejada sorte — queria dizer mérito — de ser escolhido, entre outros, para as Edições ASA de modo a desenvolver mais as suas potencialidades. Depois, os pedidos surgem a cada passo, o que demonstra o bom comportamento humano e profissional dos que já laboram nessa Empresa e são da Casa do Gaiato.

A porta está aberta! Bom sinal! Sinal de que se é capaz de aproveitar oportunidades, prova evidente de comportamento maduro e adulto dos nossos Rapazes!

A Porta está aberta! Mas convém manter, sempre (sublinhada intencional) um trabalho sem mácula — em benefício doutros companheiros.

Nera

Lar de Coimbra

ENCONTROS DE REFLEXÃO — Realizaram-se dois encontros no Lar de Coimbra. O primeiro para os mais velhos e o segundo para os adolescentes.

O primeiro grupo reflectiu nos dias 26, 27, e 28. Os mais novos nos dias 29, 30 e 31.

Veio, da Figueira da Foz, o Padre Rocha. Como ele disse, não era «o pregador, mas venho partilhar em voz alta o meu reflectir convosco». E nós com ele.

Ambos os encontros tiveram o mesmo esquema de manta de retalhos:

- Porquê a liturgia das horas?
- Quem é para mim Jesus Cristo?
- Vida cristã.
- Comunidade e vida.
- Os Sacramentos.
- Exposição do Santíssimo-Terço-Vésperas.

— A oração pessoal/comunitária.

- Completas.
- Para os mais novos:
- Os três olhares de Jesus.
- Qual a minha resposta.
- Os Dez Mandamentos.
- Nossa Senhora.

Tudo decorreu da melhor forma. Não mudaremos de todo, mas adquirimos melhores meios, melhores pistas para melhor caminhar.

A resposta à pergunta «quem é para mim Jesus Cristo», levou à sequência dos outros temas. E verificou-se que se encontra na Ressurreição. É na Ressurreição que se centraliza a Fé. Quando pensamos que tudo acaba, tudo começa. Foi dito que, quem nunca se interrogou da sua fé, ou quem nunca teve dúvidas — não teria fé. Por conseguinte, a fé não é só sentimental... É mais do que isso. Ela não se contradiz da ciência. Porque se a pouca ciência afasta de Deus, a muita aproxima de Deus.

É bom termos uma visão muito mais ampla, muito mais larga de ser cristão, com uma dinâmica: nós, vós, eles.

Quanto ao tema da vida cristã, concluímos que é o mesmo que viver em Graça. Todos somos chamados a esta vivência e não temos o direito de abdicar da Vida. Sabemos que todas as coisas são fáceis e difíceis; por isso, cada qual deve seguir a sua própria vocação.

Nesta perspectiva vivemos relacionados totalmente com Deus.

No tema Sacramentos vimos que os sinais que Deus quis instituir na Igreja são para os fiéis aproveitarem, para poderem estar em Graça. A falta de Sacramentos é a falta de rumo para um cristão.

Mas a Oração é um ponto indiscutível. Foi um tema base.

Concluímos que a Oração é urgente e muito precisa. Porque se alguém



AQUI, LISBOA!

«Ele há, na verdade, uma guerra suave e violenta, a nossa guerra de todos os dias; aquela mesma que o Mestre trouxe e deixou ficar no Mundo para que também nós fôssemos milícia ordenada com vitória segura, sem disparar contra ninguém. Esta sim, que é guerra de Paz!» (Pai Américo)

Entrámos no novo ano, que a ONU instituiu como Ano Internacional da Paz, neste Mundo perturbado, onde os conflitos se multiplicam e o mau estar se constata em todos os quadrantes: nos indivíduos, nas famílias, nas sociedades, nos países e em toda a parte.

disser que não reza, como é que esse alguém pode viver na Graça de Deus?

Ninguém está excluído de rezar, de ser filho de Deus. A Oração é de todos.

Ela não é só dos beatos e das beatas; foi desde o princípio que o ser humano teve necessidade de conversar com o seu Criador. A Bíblia friza bem. Também o próprio Jesus Cristo o demonstrou na Sua vida pública.

No tema «Comunidade e Vida» chegámos à conclusão que é difícil viver em comunidade e o que mais custa é aceitar o Outro tal como ele é.

Cada um, em particular, centrou-se num dos olhares de Jesus Cristo: No jovem rico, em Pedro e em Judas. E fomos dando uma resposta concreta no nosso íntimo, de O reconhecer, de O amar e amar o Próximo.

Verificamos, no mais, que o respeito faz parte do homem: amar e não odiar. Nenhum homem pode viver sem leis; e até os próprios animais são rígidos com as suas leis...

Na reflexão, Deus estava presente mostrando que a Sua Lei é Una e Santa. E que ninguém pode viver fora desta Lei. Neste âmbito, Moisés preocupou-se com o povo judeu. Surgem os Dez Mandamentos reflectidos com grande abertura.

Não deixámos de reflectir em Nossa Senhora: a sua pessoa e a sua vida. Maria da Oração. Escolhida, aceitou e orou, desde o anúncio do Anjo até à Cruz no Calvário e na vida com os Apóstolos. A devoção a Nossa Senhora não é coisa inventada, mas verdadeira; e, espontaneamente, nasceu com a Igreja. São os cristãos que o demonstram; e, principalmente, os grandes homens que passaram pelo mundo, como um deles: Pai Américo.

Este século é que teve mais devoção à Mãe do Céu, no qual Maria mais vezes apareceu e sempre pediu para rezarmos.

Marcámos um propósito: a devoção a Nossa Senhora. Não termos vergonha de rezar. Porque quem tem vergonha de rezar deveria ter vergonha de ser chamado cristão.

Com um novo espírito para a vida, terminámos mais um ano.

Obrigado, Deus Pai, porque continuas a amar-nos até ao último momento, mesmo quando Te dizemos não.

Obrigado, Jesus Cristo, pelo Amigo que és.

Bendita és Tu entre todos nós, Mãe do Céu.

Guido

Nem admira, dado que os valores morais são postergados para segundo plano, quando não totalmente banidos, e os homens se pautam por critérios meramente materiais, ao sabor dos números e das paixões.

As palavras vão perdendo o seu autêntico significado. Expressões como paz, justiça, amor, liberdade, democracia, etc., são utilizadas com sentidos totalmente opostos, contrariando a etimologia na maior parte dos casos. A mentira instalou-se e preside aos comportamentos dos diversos grupos, desde os areópagos internacionais aos centros de decisão nacionais. A política, de arte de governar um Estado, de um trabalho honesto e desinteressado, transformou-se numa luta para satisfação dos egoísmos pessoais e das clientelas, mais tendo a ver com esperteza ou astúcia do que com um serviço desapaixonado e isento.

A hipocrisia e o farisaísmo proliferam no comportamento privado e social. Fala-se de

liberdade e de paz, por exemplo com comendas alusivas à mistura, para se buscar a sujeição e a guerra. Que dizer do comportamento do Estado ao permitir o fornecimento de armas e outros materiais militares aos intervenientes de determinado conflito, quando, oficialmente, mantém uma posição de neutralidade e os seus Responsáveis defendem publicamente ideias pacifistas? Porquê falar em crise e em fome se se delapidam os valores do erário público em ostentações descabidas, a pretexto de tudo e de nada, ao sabor da demagogia mais descarada? Perdido o decoro, nada há quem sustenha a avalanche de subversão.

Duvidamos que a iniciativa da O. N. U. seja coroada de êxito! Verbas elevadas, com certeza, vão ser gastas nas mais variadas iniciativas, como em conferências, exposições, seminários, colóquios e quejandos. Se é certo que «A paz é um valor sem fronteiras» — como se especifica na Mensagem Pon-

É um mundo de gente motivada pela Mensagem de Nazaré, feliz como os Reis Magos!

Alguns Leitores comparecem com listas cheias de novos Assinantes! Não podemos referir todos, como é óbvio. Mas sublinhamos, desde já, as remessas de Santo Tirso e de Estremoz. Daqui, do nosso Alentejo — com votos de «santo Natal e rogando a Deus que ajude na minha cruz» — até se

Novos Assinantes de «O GALATO»

pede para não fazermos alusão a nomes, como aliás procedemos desde sempre.

A «Viúva da Praia da Aguda» que fez a promessa — rica promessa! — «de 25 assinaturas pelas bodas de prata celebradas já com o marido

no seio do Pai Celeste», comparece com mais quatro e comenta: «Creio que já são duas ou três para além das 25!»

Antes de prosseguirmos, convém referir que os nossos Padres da Rua — quando podem subtrair umas horas, das horas cheias em nossas Casas — vão por aí fora, em nome do Senhor, «sem saca nem bordão», pregar a Mensagem de Nazaré; e no fim das celebrações eucarísticas recolhem centenas de novos Leitores d'O GALATO. É semente a germinar. Palavra que permanece. O GALATO (pequeno desordeiro, afirma Pai Américo) com quatro pequeninas páginas saídas à pressão da alma e do coração de todos nós, é o melhor elo de ligação entre a Obra da Rua e os seus Amigos.

O nosso Padre Telmo foi a Melres (Gondomar) — linda terra sobranceira ao Rio Douro! — e trouxe mais 123 novos Assinantes!

Um grupo de macanudos, da célebre Banda do Cidadão, organizou o 2.º Conteste cuja meta principal foi a inscrição e recolha de novos Assinantes d'O GALATO. Recebemos muitos! Que não fosse mais, bastaria este espírito de serviço — bem marcado na acção dos rádio-amadores.

No meio da procissão abundam notícias d'almas cheiinhas! Escutemos esta, d'algueres:

«Venho pedir para enviarem o vosso jornal O GALATO para...»

Trata-se dum lar que me é querido, onde a moral, a lealdade, o civismo são o timbre da educação dos filhos e onde o bom acolhimento atrai fami-

liares e amigos. Com tantos dotes humanos só lhes falta rezar e repartir.

Pensei que a leitura d'O GALATO — tão profunda e leve ao mesmo tempo — pudesse ser um meio de penetração para estes valores que tanto prezo e desejava penetrassem neles.

Terá sido uma inspiração de Pai Américo...? Aqui fica, também, o pedido de união nas preces que por eles faço.

Mais esta, do Porto: «Peço a inscrição de dois novos assinantes... Sou a mulher do assinante 22456, que há mais de trinta anos me encarrego de levar o que posso ao Espelho da Moda.

Ambos os assinantes são meus sobrinhos netos, de dez anos de idade. Serão as prendas de Natal.

Tenho 58 anos. Perdi o único filho. Tenho passado o tempo ajudando a criar os sobrinhos. Passo a vida a viver para os Outros...»

Pelo muito respeito que lhes temos, a presença duma Viúva da Amadora:

«O GALATO é o meu companheiro nas horas de desolação! O meu marido era assinante, mas quero continuar em nome dele — para mim vive no meu coração — a amar a Obra da Rua que ele sempre adorou.

Segundo-sargento em Leiria, durante muitos anos aí amparou alguns galatos a prestar serviço militar; e dizia muitas vezes que nunca nenhum o deixou mal colocado...»

Graças a Deus!

Cont. na 4.ª pág.

Livro «VIAGENS»

2.ª EDIÇÃO (REORDENADA E AUMENTADA)

Tal como naquela hora, eu vejo e sinto as pessoas, os lugares (Brasil, Açores, África e Madeira), panoramas, coisas, tudo; de tal sorte que o ler e o viajar são uma e a mesma coisa.

Nada se esconde do que se pode dizer. Nada se diz do que se deve esconder. Acho isto uma fórmula honesta e por ela me guiei.

Como os outros saídos das nossas mãos, também este **Viagens** vai ser um livro de horas. Horas de meditação. Em todas as suas páginas, à maneira que andamos, teremos ocasião de ver o Criador no meio da Sua Criação. E é isto justamente o que vai faltando na literatura do nosso tempo. A técnica pretende resolver sem a presença e actuação de Deus; daí ser tudo vazio...

P. Américo!

Mais livros da autoria de Pai Américo — **Pão dos Pobres**: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); **Obra da Rua** (3.ª edição, actualizada); **Isto é a Casa do Galato**: 1.º volume (3.ª edição no prelo), 2.º volume (2.ª edição); **Barredo** (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos); **Ovo de Colombo** (2.ª edição); **Doutrina**: 1.º volume (2.ª edição — aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte (2.ª edição); **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

AGORA

Cont. da 1.ª pág.

oportuna e eficaz. Depois, nós, humildes intermediários dos vossos gestos belos e únicos.

É uma **procição** festiva porque os nossos corações estão alegres!

A verdadeira alegria não está no ter muita roupa, comida e casas bonitas e grandes; mas no coração daqueles que são capazes de partilhar a sua própria roupa, a sua própria comida e a sua casa.

Mais concreto e preciso, no coração:

Dum senhor, que não conheço, mas sei que deu a famílias pobres parcelas de terreno para construir as suas casas.

Dum cristão, assim assina a sua carta: **«Sinto-me sempre tocado, neste mês, para me lembrar dos Outros, me despojar**

MENSAGEM

Cont. da 1.ª pág.

no caminho. A falta de sinalização suficiente que oriente devidamente os que buscam este Santuário de Almas tem sido causa de transtornos. Vamos pedir aos responsáveis por este pelouro que resolvam!

Por isso, fez-se tarde demais e estavam preocupados aqueles dois senhores. Que vieram fazer? Desobrigar-se. Um deles tira um cheque e põe 75.000\$00. Mete as mãos ao bolso e tira mais 150.000\$00. E mais nada... Só uma palavra de despedida... Um santo Natal... Roupa molhada... Rosto feliz por ter chegado a tempo... Preocupação pela família... Regresso em paz... Vieram cumprir uma obrigação! Estas coisas não são para entender com as nossas categorias mentais; só para contar e guardar no coração — viver, trabalhar mais, agradecer.

No dia de Natal, pela tarde adiante, estivemos acompanhados por grupos de famílias. Desta vez, estava a família completa: pai, mãe e dois filhos. Fui encontrá-la a fazer «festas» aos nossos mais pequeninos. Encontrámo-nos e falámos um bom bocado de tempo. Na despedida, a esposa, com grande satisfação, mete a mão na bolsa que trazia pendurada num dos braços, tira 15.000\$00 e explica: «Meu marido estava desempregado, há meses. Agora arranhou trabalho e vim trazer parte do primeiro ordenado». Tudo isto! Simplesmente não podemos contemplar toda a beleza deste gesto. A melhor parte fica para sempre no segredo de Deus. Mas o que vimos e ouvimos nos basta.

Sim, não podemos calar o que vimos e ouvimos. Fazemo-lo para agradecer as coisas grandes e belas que Deus faz.

Padre Manuel António

e pôr em prática a Mensagem do Senhor».

De M. M. que veio com mais três degraus para chegar ao topo da **Casa da Paz** — uma casa para uma família.

No coração de M. Monteiro, de Gaia, pensando «nas telhas de alguém que esteja a precisar».

Do assinante 31082 enviando uma boa importância para **«ajudar a construção de uma casa para alguém necessitado»**.

No coração do verdadeiro construtor da **Casa do João e da Judith** já em fase adiantada.

Igualmente no da **Casa Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo**.

Enfim, em todos os que deixaram as suas ofertas no Espelho da Moda para os Autoconstrutores.

Todos os que nos enviaram ajudas para tijolos e telhas.

No coração bondoso daquela menina do Barreiro que, tendo caído o telhado de sua casa e os pais comprado outra pela qual estão a pagar 18.500\$00 por mês, nos mandou uma ajuda para os que precisam! Bendito seja Deus! Sentimo-nos tão pequeninos...!

Comovidos eu e o presidente do clube da E. D. P. do Porto ao entregar-me um cheque, oferta dos sócios, e que destinámos aos telhados dos Autoconstrutores, não só pela importância mas pelo gesto amigo e fraterno.

Bem viva a verdadeira alegria no coração da nossa **«avó da Ponta do Sol (Madeira)»**, que já conseguiu construir al-

TRIBUNA DE COIMBRA

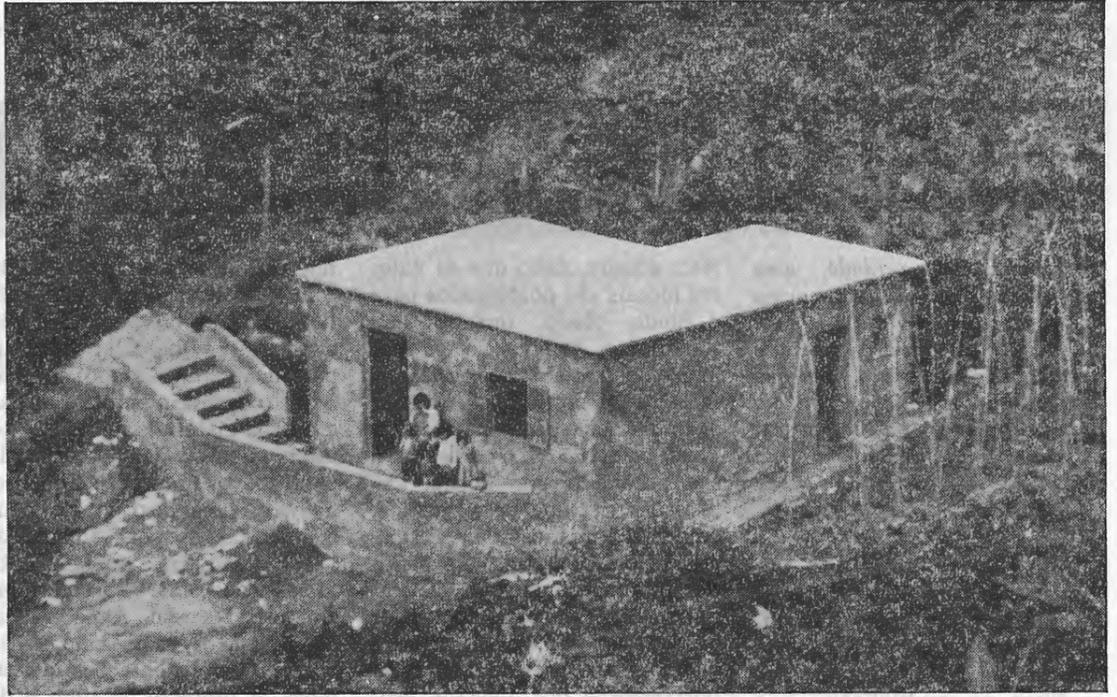
Das muitas prendas que recebemos nas Festas de Natal, duas delas deixaram-nos um sabor especial:

■ De passagem numa região em que há duas cadeias, ocorreu-nos a ideia de visitar o pai de dois dos nossos mais pequeninos. Só sabíamos o último sobrenome. Os guardas e educadores foram atenciosos e conseguiram identificar o preso.

Depois de ultrapassarmos os portões de ferro e muitas portas e grades, que naturalmente são necessárias, chegámos a uma sala airosa: sala de visitas com cadeiras e pequenas mesas.

A grande surpresa foi a comoção daquele homem quando se encontrou connosco! Com lágrimas nos olhos e soluços na garganta disse-nos que era a primeira visita que tinha nestes quase quatro anos de prisão.

Nem na cadeia da sua terra, nem nesta penitenciária onde agora está; nem pais, nem irmãos, nem amigos —ninguém! Disse da sua inocência na morte da esposa! Perguntou pelos cinco filhos. Falou de planos para o futuro.



Eis o último fruto que fez uma família feliz, na Ponta do Sol (Madeira), nascido do amor a Deus e aos Outros que a nossa «avó» Laurência, de 97 anos, sabe transmitir a pessoas e coisas. Dele nasceu a casa da Margarida com cinco filhos do mesmo tamanho.

gumas casinhas com a ajuda do Património dos Pobres, das Conferências Vicentinas e Autoridades locais. O seu coração é uma chama! O calor irradia. Eis, na foto, o último fruto que fez uma família feliz!

Milhares e milhares de Autoconstrutores em potência nunca terão a sua habitação por não terem um palmo de terra.

Parece-nos tão fácil — em cada cidade, vila e aldeia — reservar sempre uma parcela para o mais débil...!

Falta-nos, talvez, aquele calor, nascido do amor a Deus e aos Outros, e que a nossa «avó» Laurência, de 97 anos, sabe transmitir a pessoas e coisas. Dele nasceu a casa da Margarida com cinco filhos do mesmo tamanho.

Padre Telmo

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pág.

O grosso da **procição** é um verdadeiro mapa de Portugal! Ora vejam: Porto, Lisboa e Coimbra, uma data de novos Assinantes. Mais: Agueda, Costa da Caparica, Vila Nova de Gaia, Riz (Castro Daire), Gueifães (Maia), Batalha, S. Mamede de Infesta, Bragança, Eirol (Eixo), Aguiar da Beira, Tabuaço, Vila Cova (Barcelos), Setúbal, Ennesinde, Burgães (Santo Tirso), Rio Tinto, Margaride (Felgueiras), Cardigos, Almada, Recarei, Vale de S. Martinho (V. N. Fomalicão), Carvalhos, Santo Tirso, Amarante, Aveiro, Fân-

zeres, Ílhavo, Taveiro, Paredes, Marco de Canaveses, Cristóvão de Nogueira (Cinfães), Lavra (Matosinhos), Gondezende (Esmoriz), Bombarral, Freixianda, Castro Daire, Castelo Branco, Miranda do Corvo, S. Martinho do Bispo, Queluz, Espinho, Soalheira (S. Vicente da Beira), S. João do Estoril, Vilar de Andorinho, Fiães, Gondomar, Carregal do Norte (Ovar), Paço de Ancos, Gandra (Gondomar), Chamusca, Alenquer, Valadares (V. N. Gaia), Prados de Cima (Vila da Rua), Bougado (Trofa), Aljustrel, Sintra, Proença-a-Nova, Odivelas, Fornos (Marco de Canaveses), S. Pedro da Cova, Loures, Vila do Paço, Grada e Viadros (Mealhada), Armamar, Alcanena, Oliveira de Azeméis, Alcoeiro, Maia, Valbom (Gondomar), Caldas da Rainha, Pampilhosa, Adémia e Coselhas (Coimbra), Vila Real, Fornos (Castelo de Paiva), S. Martinho da Gândara, Póvoa de Santo Adrião, Vila Nova da Telha, Póvoa de Varzim, Pedrogão Pequeno, Beire (Paredes), Cumieira (Penela), Lousã, Argoncilhe; Bremeihaven (RFA), Danbury (USA), Luanda, Benguela e Lobito (R. P. Angola) e Anatuya (Argentina).

Júlio Mendes

No caminho pedi a Jesus-Menino e Salvador que Se revele mais a todos. Que ninguém nasça e viva em currais, barracas, bairros de lata, «flechas» e desabrigos.

Padre Horácio

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PACÓ DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel